



## Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

# Flávia Augusta de Almeida

## *Um testamento que foi testemunho de gratidão*

### **A doação, valor maior dos Irmãos de Misericórdia**

Dos alvares da Misericórdia (que remetem à lavra do testamento de Luiz Ribeiro) aos nossos dias, interpõem-se mais de cem anos, povoados de eventos, vicissitudes e acasos, alguns de tão extraordinária natureza que poderiam ser prodígio de romancista. Nesses momentos, e por instantes, a realidade da vida comum imita e prevalece à ficção, merecendo ser contada para (re) conhecimento público.

Depois, há vidas que se inauguram sob maus presságios e negras nuvens, inclementes vaticínios insinuados por infaustos acontecimentos. Iniciada sob malfadados prenúncios, a vida da benemérita Flávia Augusta de Almeida, hoje biografada, inscreve-se neste mote e edifica a condição humana pois, quando mobilizada pela elevação moral, sucede em contrariar sortilégios e impor dignidade ao destino. A sua história ilustra, ainda, a doação como valor fundador das Misericórdias, inspirado no duplo pilar destas instituições, religioso e civil. Seja trilhando o ensinamento evangélico de rever no outro um seu semelhante, ou assumindo a doação como valor maior de relação e troca entre os homens, o Irmão de Misericórdia toma pelo exercício da doação, as obras da providência entre mãos.

### **Um drama e um salvador**

Natural de Macinhata de Cambra, onde nasce em 1924, Flávia Augusta de Almeida era a mais velha de quatro irmãos (duas raparigas e dois rapazes, com 4 anos, 15 e 4 meses). Aos 7 anos vê a vida destroçada pela orfandade de mãe, facto cataclísmico na vida da jovem, que não conhecia pai, não havendo quem a recolhesse, ou aos irmãos, todos doentes com varíola.

A mãe falece em 28 de Outubro de 1931 na então vila de S. João da Madeira. A 31 de Outubro desse ano, o Provedor Oliveira Júnior toma notícia da desesperada condição destes órfãos e recolhe as crianças no Hospital, em quarto isolado, conforme determinação do médico, para poderem ser tratadas à enfermidade contagiosa que portavam, sem contaminação dos outros doentes. Em seguida, através do secretário da Mesa Administrativa, que era também Administrador do concelho, entra em contacto com o homólogo de Cambra para que indague as possibilidades da avó acolher as crianças, responsabilidade que esta não assume, por indigência de meios. Depois de tratados e curados, os órfãos são acolhidos no "Azilo da Infância Desvalida de Santo António", valência da Misericórdia instalada no piso inferior do Hospital e que tinha capacidade para receber 12 crianças. Apesar da sua vontade, o Provedor Oliveira Júnior confronta-se, todavia, com a inexistência de vagas, somente havendo uma cama livre, impondo o regulamento que se não excedesse a capacidade instalada.

### **Caritativas senhoras**

O Provedor Oliveira Júnior não soçobra e enceta diligências para o acolhimento das crianças, conseguindo, em 5 de Dezembro de 1931, que as duas meninas órfãs fossem assumidas por duas senhoras da sociedade sanjoanense, Conceição Azevedo Garcia,

solteira, e Elisa da Silva Santos, casada, que se responsabilizaram pela guarda, educação e instrução destas até à idade adulta. Foi redigida uma acta inscrevendo as responsabilidades de todos, solene compromisso assinado pelos membros da Mesa Administrativa e pelas caritativas senhoras. Os dois meninos, os mais novos da fratria, continuaram à guarda da Misericórdia, beneficiando da vaga aberta pela saída de uma das crianças que estava no limiar da idade permitida para permanência no "Azilo".

### **Na emigração entre proeminentes**

Aos 37 anos procura um novo rumo para a vida, respondendo afirmativamente ao convite da sua irmã, que, com o marido e filho, fixara residência em França. Com eles reside durante um ano, espaço de tempo necessário para ser operada e se restabelecer de doença entretanto contraída. Já em boas condições de saúde, inicia uma nova etapa entrando para camareira da família Rothschild, em Paris. A sua firmeza de carácter, postura educada e irrepreensível trato, permitiram-lhe aceder a um trabalho

à Misericórdia no primeiro volume do seu livro sobre a história desta Santa Casa: "Procurou-nos (a Misericórdia), como várias vezes nos referiu, por um impulso íntimo quase obsessivo de gratidão à Santa Casa, pelo que fez por ela e pelos demais irmãos."

### **Prematuramente arrebatada pela Parca indómita**

Infelizmente o seu repouso feliz e tranquilo não foi prolongado pois novamente a acometeu a doença, agora uma implacável infecção sanguínea. A Misericórdia, atenta às suas necessidades, disponibiliza uma funcionária para diariamente com ela pernoitar, vigiando-a e respondendo-lhe com os cuidados necessários. A Mesa Administrativa reunida em Fevereiro de 1995 avalia os elevados custos em horas extraordinárias que esta situação gera mas, reconhecendo o estado avançado e exigente da enfermidade, opta por manter as condições. A doença não cedeu aos cuidados médicos ou aos tratamentos ministrados, quer em França quer em Portugal, e subtrai-a ao convívio daqueles que a prezavam, em 16 de Março de 1995, com 70 anos de idade. Falece depois de um prolongado e paciente sofrimento, que suportou com fé, serenidade e coragem, repousando na mesma aldeia de Cepelos onde nos anos 70 mandou erigir a sua modesta casa. Para a última morada faz-se vestir de branco integral e descalça, documentando a vida simples e casta que escolheu viver, assinalando a autenticidade da vocação religiosa (embora secular) que a animou desde os verdes anos.

### **A benemerência por derradeiro agradecimento**

Manuel Pais Vieira Júnior, em "O Regional" de 25 de Março de 1995, depois de relatar a traços largos a complicada vida de Flávia Augusta de Almeida, e de realçar o seu carácter, escreve: "Só a Parca indómita contrariou o intento, arrebatando-a prematuramente desta vida e do convívio de quantos, como nós, a compreendiam, admiravam e estimavam."

Em depósitos e por disposição testamentária, deixou à Misericórdia valores avultados, que ultrapassavam os trinta mil contos, correspondente hoje a mais de 217.500€. Ao tomar conhecimento da grandeza e nobreza do legado, a Mesa Administrativa de imediato a reconhece como Irmã Benemérita, fazendo perpetuar a sua memória através de um quadro que a retrata e que está afixado na Casa de Repouso, equipamento onde permanecem alguns residentes que ainda com ela conviveram. A benemerência de Flávia Augusta de Almeida é para todos um exemplo de memória, gratidão e magnanimidade pois jamais iludiu sob o manto diáfano da virtude, do trabalho e do sucesso (que foi a sua vida) o sentido de gratidão para com quem a acolheu quando mais precisava. À doação do coração do Provedor Oliveira Júnior retribuiu com a doação da memória e do produto da sua vida. Esta é a mensagem do seu testamento, o sentido último da sua existência.



### **O apelo religioso dos verdes anos**

Flávia Augusta de Almeida fica ao encargo de Conceição Azevedo Garcia, em casa de quem cresceu, acedendo a esmerada instrução e ao convívio com a jovem elite feminina da época. Aos 19 anos de idade resolve assumir a independência e ruma para junto da família natural, em Vale de Cambra. Aí reside durante dois anos, período difícil por ter sido acometida de doença. Sente então o apelo da vida religiosa e inicia-se no Convento das Irmãs Pobres, e, após se recompor da doença, continua até à idade de 28 anos na Irmandade de Maria Imaculada, de Lisboa. Regressa então a S. João da Madeira, acolhendo-se à protecção de Auta Bráulina de Oliveira, nora do Provedor Oliveira Júnior, que 21 anos antes a acolhera na Misericórdia. Esta arranja-lhe colocação no Colégio de Maria Imaculada, no Porto, onde se mantém até Setembro de 1968. Neste período, fruto do seu trabalho, realiza algumas economias que lhe permitem realizar o sonho acalentado, de construir uma modesta casa no lugar de Cepelos, concelho de Vale de Cambra.

de exigente escrutínio. O saber e eficiência que emprega foram tão favoravelmente sufragados, que os seus serviços foram requisitados por mais de duas décadas, e sempre devidamente remunerados. Trabalhou na casa da filha da princesa Brandini e transitou por residências de outros membros daquela argentária e aristocrática família. Nesta condição percorreu o mundo e trabalhou até atingir a idade da merecida reforma.

### **Um impulso íntimo e obsessivo de gratidão**

Regressa a Portugal satisfeita por ter ultrapassado os muitos obstáculos que a vida lhe interpôs e dona de um pecúlio suficiente para dispor de um resto de vida descansado. Procura local para fruir do conforto e dos serviços que lhe salvaguardassem as comodidades que aquela fase da vida recomendam, entrecruzando-se o seu destino novamente com a Misericórdia sanjoanense, com quem celebra um contrato de ocupação vitalícia de uma fracção residencial na Casa de Repouso. O Provedor à época, Manuel Pais Vieira Júnior, que com ela privou, explica este regresso